



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

EXPLORANDO A PAISAGEM URBANA CONTEMPORÂNEA: INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS COM LAMBE EM FORTALEZA – CE

Rogeane de Oliveira Moreira⁸

Gilberto Andrade Machado⁹

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido durante a Disciplina de Estudos da Paisagem, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, em 2015/II. Enfatiza a segunda fase da disciplina; uma experiência prática que se deu a partir da confecção e colagem de lambes, a elaboração de um vídeo documental dessas ações e a imersão teórica no tema paisagem urbana, com textos de Castilhos (2009), Bulhões (2009), Fialho (2006) e Peixoto (2006). Discute-se o conceito de paisagem, enquanto acúmulo de tempos, com bases geográficas e visuais. Definir paisagem como; uma porção visível do espaço não supre a totalidade de sua representação, que vai muito além do visível. Influi sobre a percepção da paisagem, os demais sentidos; olfato, audição, paladar e tato. A paisagem ultrapassa a descrição do panorama, que evidencia mais um modo de captar a imagem do espaço do que de representa-lo. Habitamo-nos a descrições de uma imagem única, ampla e que comportava às vezes uma cidade inteira, como as paisagens renascentistas (Bulhões, 2009). Mas, a paisagem também se encontra no micro, em detalhes; como o semáforo de uma grande avenida ou a estátua de uma praça histórica.

Tanto as pinturas de paisagens como as fotografias dos cartões postais do século XIX, tão populares após a invenção do daguerreótipo¹⁰, são representações da paisagem, mas não a paisagem em si. Sobre o olhar e os demais sentidos que nos permitem identificar uma paisagem ou ainda nos conectarmos afetivamente com ela, reside a subjetividade.

O lambe é basicamente um cartaz de papel colado com cola, geralmente em muros e postes. Desde o século XIX já era usado para a publicidade, divulgação e comunicação. É comum em Fortaleza os lambes para divulgação de atos políticos, festas, shows de forró, serviços dos mais diversos, inclusive consultas a videntes e cartomantes. Alguns artistas têm aproveitado dessa técnica, para intervir na cidade de forma artística. Para esta análise, nos debruçaremos sobre o

⁸ Autora: Rogeane de Oliveira Moreira, Licenciando em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE – Campus Fortaleza (3º semestre). E-mail: rogeaneoliveira@yahoo.com.br

⁹ Coautor: Gilberto de Andrade Machado, Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2008). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE, lecionando no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Coordenador do IRIS – Grupo de Estudos da Formação de Professores de Artes Visuais. E-mail: gilmach.ifce@gmail.com

¹⁰ Segundo o dicionário, Daguerreótipo é uma das primeiras formas de reprodução fotográfica, criada por Louis J. M. Daguerre. Verbetes encontrados no site <http://www.dicio.com.br/daguerreotipo/> capturado em 27/07/16 às 14:35 horas.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

conceito de 'paisagem contemporânea', nos colocando como agentes modificadores (ou acumuladores) da paisagem e ao mesmo tempo agentes passivos, receptores de um fluxo diário, criado por outros modificadores.

NARRATIVAS COMPARTILHADAS

Para Rey(2002) no que concerne a arte contemporânea, não existe um corpo teórico nem regras universais que possam definir uma conduta previamente estabelecida. O artista contemporâneo ao encarar o desafio de inventar uma obra, inventa seu próprio modo de fazê-la. Portanto, a pesquisa em artes visuais implica num trânsito ininterrupto entre prática e teoria. Os conceitos são extraídos dos procedimentos e devolvidos a novas ações que se alinham e se reorganizam ao mesmo tempo.

O corpo teórico se constrói na interlocução com o ambiente, com outros artistas, com outras poéticas. Esse diálogo produz estratégias como a organização de diários de campo ou cadernos de artista, onde se conservam ideias, garatujas, esquemas gráficos, ensaios pictóricos etc. Algumas ferramentas teóricas como os conceitos da História da Arte, Filosofia, Sociologia vão sendo aos poucos iluminados pelas experiências estéticas do cotidiano e pelas tentativas de redigir pequenos textos sobre essas experiências. Buscou-se durante as fases que permearam as atividades da disciplina, uma reflexão sobre o fazer artístico, aliando poética e estética.

Para o desenvolvimento de um livro ilustrado, entrevistei um colega de classe, colhendo informações sobre o seu percurso de casa até a faculdade. O registro oral transformou-se em registro escrito. A partir do registro escrito, busquei um distanciamento da descrição espacial em busca de uma narrativa poética. A partir da narração desenvolvi dez imagens, que funcionavam como registros imagéticos do texto. O enfoque que escolhi nessa fase do trabalho foi a incorporação de uma *persona*, uma personagem inventada e vivida por mim. Decidi então me colocar dentro do percurso dela, encontrar nele, pontos e imagens que vivessem dentro do meu referencial geográfico e emotivo. Confirmava a mim mesma como agente modificadora do espaço, e ao mesmo tempo modificada por ele.

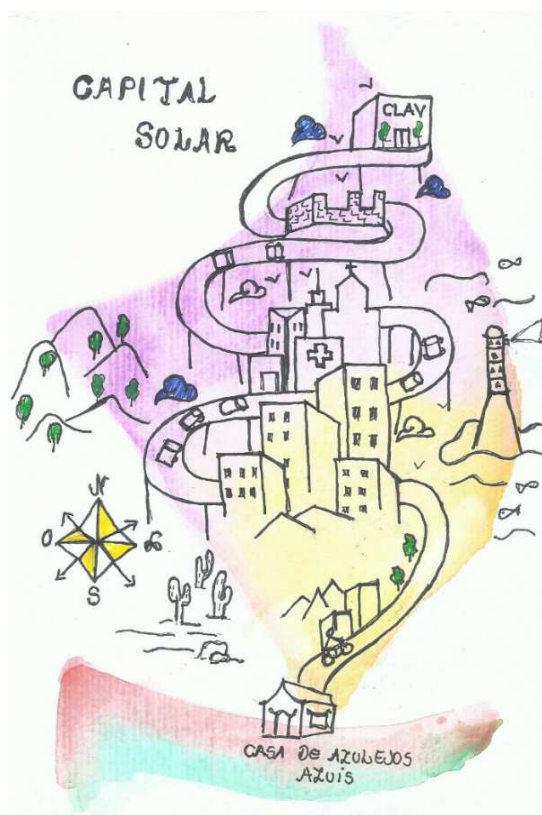
Percorrer o trajeto do outro é encontrar-se nele. Descrever o trajeto do outro até ele tornasse seu. E sendo seu, ele já não pertence ao outro, nem a você. O momento de entrevistar o colega e ser entrevistado por ele funcionou como gatilho precursor do trabalho, que disparou a criação de uma obra autônoma. A criação de uma personagem que vive as experiências e transita pelas rotas imaginárias de uma capital Solar, outrora chamada Fortaleza. Da criação de um 'livro ilustrado' a

produção dos lambes, elaborei imagens oníricas, fragmentadas e surreais que mapeiam a cidade, como um marco físico do trajeto do outro.

Para responder a primeira questão levantada em sala, ainda no primeiro dia de aula - o que é paisagem?-, as respostas visuais foram múltiplas, e o primeiro portfólio agregou vários suportes para organiza-las, como um conjunto de intervenções em fotos capturadas da internet, procedimentos pictóricos, notas de aula, desenhos e algumas aquarelas (Vide fig.1). O portfólio se organizava como a documentação disponível de um processo em movimento.

A instauração do conceito de paisagem se mantinha como um objeto em trânsito que às vezes podia ser representado, outras vezes extremamente sensorial e abstrato. Entretanto, era nesse vai e vem de subjetividades compartilhadas nos seminários, conduzidos pelos alunos e mediado pelo professor que o pensamento visual ganhava mais significado e autonomia. As leituras de Nelson Brissac Peixoto (2002) sobre paisagem urbana cumpriam sua função esclarecedora e também perturbadora.

Fig. 1 – Cartografia do Percurso



MOREIRA. R. O. Cartografia do percurso, 2016, arquivo pessoal.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

AS PAISAGENS CONTEMPORÂNEAS

Em geral, o verbete paisagem na maioria dos dicionários é descrito como; s.f. Extensão de território que se abrange num lance de vista; panorama, vista. Desenho, quadro que representa uma cena campestre.¹¹ Esse conceito prepondera durante muito tempo em nós. Poucas vezes atribuímos a paisagem do presente como o resultado de transformações decorrentes do tempo sobre um espaço, não apenas nos aspectos físicos, mas atribuindo a ele novos significados.

Na última década, Fortaleza tem sido palco de várias intervenções urbanas para melhorar a mobilidade e a circulação do trânsito, como viadutos, túneis, rotatórias, ciclo-faixas etc. Os bairros das periferias transformaram-se em corredores para acessar rodovias em direção as praias ou serras. Já não temos vazios territoriais, estamos conurbados. As imagens sobre esses territórios, ainda que elaboradas com tecnologias como os *drones*¹², têm outras funções, digamos menos artísticas. Logo a atual representação artística da paisagem, não se limita apenas a quadros, vivemos o período pós-fotográfico.

A paisagem campestre está cada dia mais distante da cidade. Sobre os montes foram construídos prédios e os descampados onde descansavam os animais, hoje é a praça, onde descansam as pessoas. Para Maria Amélia Bulhões:

Abordar a paisagem, hoje, impõe alguns desafios decorrentes de sua própria tradição enquanto categoria de arte oriunda do século XIX. Mesmo desenvolvendo-se a partir de observações diretas da natureza, ela sempre foi fruto da subjetividade e, como tal, requer um processamento que passa pelas experiências pessoais do artista: um processo que pode iniciar no pensamento (memória) ou na natureza (fotografia), mas cujo resultado é sempre uma reelaboração, que pressupõe uma apropriação e uma reconstrução. (Bulhões, 2009, p.13)

A paisagem passa por modificações e o conceito aqui apresentado, de 'paisagens contemporâneas' faz referência não apenas ao espaço físico, mas também aos agentes modificadores do mesmo. Somos contemporâneos não apenas uns dos outros em determinada época, mas também da paisagem de uma época. Isso nos é ainda mais compreensível, quando em posse de fotografias antigas, percebemos as diferenças temporais entre uma paisagem e outra. Os moradores de um bairro que vivessem nele a 40 ou 60 anos, perceberiam ao passar dos anos as mudanças físicas vivenciadas pela paisagem.

¹¹ Verbetes encontrados no site: <http://www.dicionarioinformal.com.br/paisagem/> Capturado em 26 de Março de 2016. Verbetes encontrados no site: <http://www.dicio.com.br/paisagem/> capturado em 27 de Junho de 2016. Verbetes encontrados no site: <http://www.dicionarioweb.com.br/paisagem/> capturado em 27 de Junho de 2016.

¹² Drone é uma palavra inglesa, que na tradução literal para o português significa zangão, e que é usada para referir-se a aeronaves não tripuladas, normalmente comandadas por controle remoto. Maiores detalhes no site: <http://www.significados.com.br/drone/> capturado em 27/07/2016 às 15:05 horas.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Quem modifica a paisagem? Agora nos debruçaremos sobre os modificadores do espaço, retornaremos a um termo usado anteriormente, classificando-os em agentes modificadores (ou acumuladores) e agentes passivos. Somos os principais modificadores do espaço; destruímos, construímos, restauramos. A paisagem modifica-se ordenada ou desordenadamente.

A capital do nosso país, Brasília foi um grandioso projeto, idealizado durante o governo de Juscelino Kubitschek, no seu tão falado 'plano de metas'. Foi totalmente planejada, para situar o Distrito Federal. Construiu-se uma cidade inteira, do zero, no interior do país. Neste período, pessoas de diversas regiões do país, sendo grandiosa parcela das regiões Norte e Nordeste, mudaram-se para Brasília. A nova cidade, um campo de oportunidades, diziam os jornais. Com o passar dos anos e a expansão geográfica da cidade, surgiu a região metropolitana, denominada; Região integrada de desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno. E as cidades que compõem essa região, diferentemente de Brasília, não tiveram mapa inicial e projeto arquitetônico. Formaram-se desordenadamente para abrigar uma parcela da população que não tinha condições financeiras de viver na Capital. (QUEIROZ, 2006)

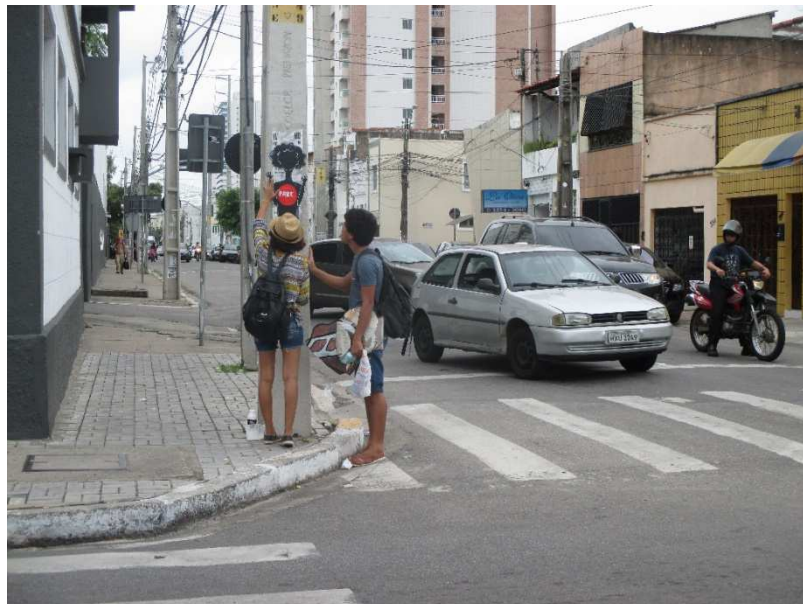
A partir da compreensão dos agentes modificadores, é preciso explicar o uso do termo 'acumuladores'. Essa palavra dialoga diretamente com a ação dos lambes. É preciso ressaltar, que o termo aqui não é usado no sentido patológico (acumulação compulsiva), nos distanciemos da psicologia e entendamos a palavra acumulador para além do seu significado (aquele que acumula). Quando saímos pelas ruas de Fortaleza com lambes, cola e pinças na mão, não tínhamos um trajeto pré-definido a seguir, nem mesmo havíamos selecionado os espaços onde colaríamos os lambes.

A cartografia ficcional que criamos para nossas personagens, não precisaria necessariamente, referir-se há um espaço físico real. Os critérios de escolha para os locais selecionados foram os mais diversos, e cada dupla ou trio responsabilizou-se por selecionar o espaço que receberia o seu lambe, ainda que houvesse sugestões dos outros membros da equipe. Como critério de escolha para a colagem dos meus lambes, decidi que os espaços deveriam estar próximos a cruzamentos. Colei-os em postes de iluminação e caixas de energia. Em todos os espaços em que colei os lambes haviam outros pregados anteriormente, eram anúncios de cartomantes, e em alguns abaixo das divulgações, havia pichações. (Vide fig. 2)

Os meus lambes foram novas parcelas de imagens, superpostas sobre parcelas anteriores, do acúmulo da paisagem urbana. Somos acumuladores e também agentes modificadores, pois o acúmulo é uma forma de agir sobre o espaço, e dialogar com ele. E ao mesmo tempo em que somos ativos nas modificações ocorridas no espaço, também somos passíveis as modificações de outros.

Há nas produções de arte urbana o termo ‘atropelamento’, quando alguém realiza uma produção sobre a de outro. Por exemplo, colar um lambe sobre uma pichação, ou grafitar por cima de outro grafite. A ação é condenada por muitos, e taxada como ‘falta de respeito ao trabalho do outro’. Mas se compreendermos a rua como um espaço coletivo, e a paisagem como acúmulo de tempos, entenderemos que ‘atropelar’ é uma característica própria do espaço urbano. Não cabendo aqui, juízos de valor, sobre o que é correto ou não. Apenas uma reflexão sobre, ao que as obras estão submetidas, quando tem os muros como expositor.

Fig. 2- Registro da Ação



PINHEIRO, C. A., 2016, Arquivo pessoal do autor.

A paisagem que vivenciamos agora é única neste tempo. As paisagens contemporâneas são o reflexo do acúmulo de tempos. São também memória e nostalgia. Mantem-se num fluxo constante de modificações com épocas que coabitam no mesmo espaço. Os vitrais das igrejas góticas ainda evaporam enquanto mais um prédio é construído. A praça centenária é reformada enquanto ocorre a inauguração de uma loja de eletrodomésticos. O espaço é memória e fluxo.

UM OLHAR CONTEMPORÂNEO

Para Peixoto (2009) a velocidade da vida contemporânea, a aceleração dos deslocamentos, faz nosso olhar desfilar sobre as coisas de forma rápida, o olhar contemporâneo não tem mais tempo. Enquanto estudante de Artes Visuais e artista, as questões aportadas pelo autor, me fazem refletir sobre ‘a perda do olhar’. Diz-se ser essa ‘cegueira’ um fenômeno da contemporaneidade.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Perdemos muito da nossa capacidade contemplativa com o excesso de informações a qual somos expostos diariamente. Ter mais opções não nos faz ver melhor, ou ainda, será que temos opção? Quando vamos a um museu ou cinema, por exemplo, escolhemos as imagens que queremos ver, mas escolhemos dentro das opções selecionadas por outros. Vemos nos filmes a seleção de paisagens feitas pelo diretor, de *close-ups* a panorâmicas, ângulos diversos são jogados na tela. No museu vejo a seleção de imagens feitas pelo curador da exposição, dentro de um arsenal de artistas. Mas ainda assim, parte de mim a escolha de contemplar tais obras. Já as paisagens urbanas com suas intervenções e acúmulos, não são selecionáveis. Não escolhemos ver ou não. Ainda que possamos escolher por onde andar ou para o que olhar, não temos controle. Apenas participamos do fluxo social, irremediavelmente, também atuamos como agentes modificadores.

Mas há nas paisagens um acúmulo de informações difusas, o que faz com que boa parte dessas informações, passem por nós, sem que as percebamos. É a tal 'cegueira' iminente a qual estamos expostos.

A metrópole é o paradigma da saturação. Contemplá-la leva à cegueira. Um olhar que não pode mais ver, colado contra o muro, deslocando-se pela sua superfície, submerso em seus despojos. Visão sem olhar, tátil, ocupada com os materiais, debatendo-se com o peso e a inércia das coisas. Olhos que não veem. (Peixoto, 2009, p. 175)

É possível afirmar que os lambes que expomos pela cidade, aglutinam-se a esse amontoado de informações já mencionadas. Quando colado ao muro, passa a ser uma contribuição do agente ao espaço. Não sabemos como essa contribuição será recebida pelos outros e fundida a paisagem. Um dos lambes que coleí, foi retirado no dia seguinte. Ele se encontrava a vista do percurso que faço diariamente até a faculdade. Meu olhar o procurava, assim como procurava os outros lambes. Como se desejasse acompanhar de longe o desenvolvimento da intervenção. Mas ele não estava mais lá. Alguém o retirou. Logo, alguém o enxergou no amontoado de concreto do meio urbano. E incomodado, ou não, o retirou do poste. As produções artísticas espalhadas pela cidade estão expostas a isso.

Diante das reflexões aqui expostas, nos questionamos, como essa 'cegueira' influi sobre a produção de arte urbana. Como retardar o fluxo? Desacelerar o tempo? Afinal, depois de colados, os lambes são acúmulo. Dentre os milhares de pessoas que passaram, talvez apenas algumas, pararam para observá-los. Outras, ainda que em movimento, sobre seus veículos, poderão olhar por alguns segundos a nossa produção. Não é possível dimensionar quantas e quais pessoas foram atingidas pela ação. Mas no ato da colagem, enquanto espalhávamos cola e implorávamos para que o vento nos deixasse colar os papéis, algumas pessoas paravam e olhavam. Um senhor simpático, sentado na porta de sua casa nos emprestou uma tesoura. Os passageiros do ônibus parado no sinal



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

nos observaram, um deles sorriu. Houve também os olhares desconfiados e os gritos de apoio ou desaprovação dos que seguiam apressados pelo trânsito. Poderíamos dizer que durante a colagem, nesses pequenos atos, o tempo desacelerou.

O ESPAÇO DO EFÊMERO

O efêmero ressoa como a tecla insistente de um piano, nas produções de arte urbana. Quando colamos os lambes pela cidade, já sabíamos que eles estariam expostos a tudo, desde a ação da chuva e sol a retirada ou sobreposição. Exercita-se o desaparego. Compreendendo a cidade como uma paisagem em eterno estado de trânsito. Como um reflexo da sociedade que a constrói, destrói e modifica. Como organismo vivo, que registra em si, rastros temporais, fenomenológicos e sociais. A cidade como espaço do transitório, cíclico e efêmero.

Na contemporaneidade, o paradigma da obra de arte eterna e do museu como único espaço de exposição e contemplação é confrontado, por produções pulsantes, que pulverizam o espaço urbano. “A obra de arte é o instante em que está se fazendo”.¹³

Os artistas renascentistas criaram obras para a posterioridade. Buscavam na elaboração de seus trabalhos, materiais resistentes e duráveis. Por volta de 1454 surgem os primeiros cartazes, produzidos por Saint-Flour.¹⁴ Durante o impressionismo, Toulouse-Lautrec assinou a produção de diversos cartazes de divulgação de espetáculos, das noites parisienses, fazendo a arte publicitária torna-se popular. Cabe ressaltar que durante muitos anos, a arte teve função publicitária, de propagação de mensagens. Ainda propaga-se mensagens, das mais diversas.

A paisagem urbana contemporânea instaura-se como espaço do democrático. Muitos artistas veem o retorno às ruas, como uma ação política. Sobre isso os artistas Otavio e Gustavo Pandolfo, mais conhecidos como, os gêmeos grafiteiros, afirmam: “se você não usar a cidade, ela vai te usar”¹⁵ ampliando as discussões sobre as manifestações artísticas no espaço urbano para além dos grafismos, propondo atitudes educativas.

¹³ Fala de Luiz Maia, transcrita do vídeo “Lambe-Lambe – A arte e a poesia de Luiz Maia”. Acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=1Dn8xo4D_Uk no dia 06/05/2016 às 14:14 horas.

¹⁴ Atribui-se a Saint-Flour o primeiro cartaz conhecido, de 1454, feito em manuscrito, sem imagens. Fonte <http://historiadocartaz.weebly.com/origens.html> acessado em 27/07/16 às 15:32 horas.

¹⁵ Fala transcrita do vídeo “Os gêmeos// Grafiteiros// The Twins// Graffiti”. Acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=-XLrae8FcP8> no dia 07/05/2016 às 9:45 horas.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

UM RETORNO AOS CONCEITOS

Na primeira fase da disciplina estudamos conceitos de paisagens, cujos teóricos já foram citados anteriormente. Mapeamos o trajeto do outro, selecionando paisagens e fizemos recortes nas mesmas. Posteriormente as representamos figurativamente, usando aquarela. Percebo que a disciplina estudos da paisagem vai muito além da percepção e criação figurativa do espaço. Buscou-se compreender o que é paisagem e, para que tal compreensão existisse foi importante compreender também o espaço de forma cartográfica.

Considerados como documentos científicos, os mapas são vistos e supostos como objetivos e neutros. Já quando tomados como objetos estéticos, eles são conformados por várias escolhas formais, incorporando, assim, valores culturais e crenças políticas ao figurarem e reconfigurarem o espaço. E isto porque a arte e a cartografia inventam os espaços e constroem o mundo e seus lugares. Ou seja: interpretam, à sua maneira, o espaço. (Fialho, 2006, p.1-2)

A compreensão cartográfica foi primordial para o desenvolvimento da segunda fase do projeto. A confecção e colagem dos lambes nos fez dialogar com o espaço urbano, interferindo diretamente na paisagem. A pergunta feita no primeiro dia de aula, ainda ressoa em nós, afinal o que seria paisagem? Paisagem pode ser tudo o que nosso olhar alcança e o que ele não alcança também, paisagem é ver não apenas com os olhos. Pode ser terra firme, mas também memória e tudo o que se encontra entre um e o outro em contínuo transe. Conservo esse conceito como síntese.

Se pudermos concluir algo ao longo desse estudo, é que a paisagem não é apenas visual. É sonora, olfativa, sensitiva. E acima de tudo, é uma construção coletiva, não apenas física, mas também de sentido. A paisagem contemporânea é o espaço que vivencio agora. E sobre esse espaço contemporâneo, descansa o passado.

REFERÊNCIAS

- BULHÕES, Maria Amélia. Experimentos em territórios digitais e paisagens interativas. Porto Arte (UFRGS), v. 16, p. 15-25, 2009.
- COELHO, L. C. A paisagem na fotografia, os rastros da memória nas imagens. In: XIII ENANPUR Encontro Nacional da Anpur, 2009, Florianópolis. XIV Encontro Nacional da ANPUR, 2009.
- FIALHO, Daniela M. Arte e Cartografia. In: I Seminário Arte e Cidade, 2006, Salvador. I Seminário Arte e Cidade, 2006.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens Urbanas. 4. Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006. 436 p.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

QUEIROZ, E. P. . A migração intrametropolitana no Distrito Federal e Entorno: o conseqüente fluxo pendular e o uso dos equipamentos urbanos de saúde e educação. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, CAXAMBU. Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca, TESSLER, Elida. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS,2002.